

## 5

### Considerações Finais

O caminho teórico e a pesquisa de campo<sup>1</sup> nos confrontam com o caráter paradoxal da vida das crianças da Rocinha, que vivem uma situação que lhes permite experienciar, simultaneamente, ameaças e possibilidades favoráveis ao desenvolvimento. Na própria favela, onde encontram razões para muitos de seus problemas, também podem contar com ancoragens necessárias ao desenvolvimento saudável.

Ao mesmo tempo em que experimentam a violência estrutural, as situações relacionadas com vizinhos hostis, as temidas balas perdidas, os abusos da polícia e do tráfico, a precariedade de condições de moradia, a experiência de sofrer o preconceito, também contam com redes de apoio representadas por diversas instâncias como a família, as amigas, a escola e os cursos extracurriculares disponibilizados por diversos projetos sociais.

Cuidado e proteção lhes são dispensados por uma família extensa que lança mão de artimanhas e táticas – no sentido em que Certeau (1994) utiliza estes termos - para garantir-lhes assistência. Percebemos que, de forma geral, às meninas participantes da pesquisa foram dispensados cuidados necessários à assimilação de um ambiente facilitador, por toda uma “rede familiar suficientemente boa”, composta por pessoas engajadas em lhes propiciar não somente saúde e educação escolar, mas também experiências que escapem à dura rotina do cotidiano na favela.

Desta forma, diversamente do que representam os estereótipos criados pelo imaginário social a respeito da vida nestas localidades, as meninas frequentam clubes, parques de diversão e festas infantis de parentes ou amigos.

---

<sup>1</sup> E também não podemos deixar de destacar que o estudo realizado com a finalidade de pensar a metodologia de pesquisa com crianças vivendo em um ambiente como a Rocinha, nos forneceu subsídios para conseguir de fato dar voz ao grupo de meninas que, colocadas no lugar de co-participantes do processo de pesquisa, nos permitiram conhecer mais de perto aspectos das experiências da infância na favela.

Assim sendo, como qualquer grupo de crianças, no brincar e no lazer em geral, elas desfrutam de oportunidades de divertimento e de criação. Reúnem-se com as amigas, vão à praia brincar, fazem compras, assistem à televisão (todas, com a exceção de uma, têm acesso à diversificada programação dos canais a cabo da NET, devido ao sistema de TV a cabo popular implementado na Rocinha - TV ROC - ou a ligações clandestinas: o famoso “net-cat”), frequentam as populares *Lan Houses* - pontos de encontro para a prática de jogos contemporâneos e espaço de participação em redes de relacionamento, como o *Orkut*, *FACEBOOK* e *Msn*.

Estas meninas, apesar de residirem em um ambiente que por vezes revela-se um “território confinado”, desfrutam da oportunidade de explorar outros pontos da cidade, como os nobres bairros da Gávea, Leblon e Barra da Tijuca. Frequentam *shoppings*, onde fantasiam uma vida de luxo, mas também sofrem com a frustração de não poder ter acesso à maioria dos objetos desejados nestes templos do consumo - afinal de contas, como pudemos perceber, não estão surdas diante dos apelos da cultura do consumo, com a qual estão muito familiarizadas, devido ao amplo acesso à televisão, em particular às novelas.

O discurso das crianças manifestou mais uma questão paradoxal que ganhou destaque: a relação com os traficantes. Algumas delas possuem parentes envolvidos com o tráfico de drogas, situação que nos permitiu perceber o quanto “glamourizam” estes “*bandidos*” – como os chamam. Figuras que, pela condição financeira garantida pelo narcotráfico, gozam de bom status na favela. Algumas meninas do grupo empolgam-se quando percebem o parentesco de uma colega com um traficante conhecido, indicando a influência social que estes homens possuem. Mas, quando eles dão tiros ou colocam a família em situações de constrangimento, apresentando riscos e ameaças à vida, a referência ao parente “*bandido*” passa a ser “*meu tio e os malucos que trabalham com ele*”. Notamos ainda que, na esfera privada, o “*tio bandido*” de uma das meninas incorpora as funções parentais do pai falecido da criança, dispensando-lhe cuidados relativos à alimentação e educação, demarcando que, na favela, não há personagens puros, afinal de contas, independente do local onde se encontram, as pessoas são marcadas pela pluralidade humana.

Outro ponto de destaque nas narrativas dessas crianças é a diversidade e contradição de sentimentos em relação ao local onde vivem. Demonstrem apego pela favela onde há décadas suas famílias escrevem sua história, afirmando pertencimento à Rocinha, local onde se desenvolvem, divertindo-se, fazendo cursos extracurriculares, encontrando-se com amigos. Mas, ao mesmo tempo, sentem-se vitimizadas pela violência que se imprime cotidianamente na favela que, segundo a visão delas, se mostra mais vulnerável à violência em relação ao restante dos bairros próximos à Rocinha e mais “nobres”, como Leblon, Gávea, São Conrado, Barra da Tijuca, lugares por onde elas transitam para estudar, passear, realizar cursos etc e onde, por vezes, sentem o peso da discriminação.

Em síntese, embora as vivências de uma violência que é quantitativa e qualitativamente maior em relação à vida no “asfalto” por vezes arrastem seus medos da dimensão do imaginário diretamente para a dimensão do real, as meninas também contam com instâncias que lhes propiciam estímulos compatíveis com um desenvolvimento saudável. Talvez sejam privilegiadas em alguns sentidos. Por exemplo, têm na escola pública “modelo” onde estudam, a possibilidade de mais um espaço (além do familiar) que oferece condições de desenvolverem-se. O colégio em questão conjuga disciplinas tradicionais com aulas de teatro, dança, computação, além de amplo espaço destinado ao brincar - atividade que de fato atualiza-se a cada recreio - e um corpo de profissionais que mostra-se engajado em propiciar-lhes pleno desenvolvimento. As meninas contam ainda com cursos extracurriculares realizados não apenas na própria favela (por projetos sociais, como já comentado), mas também em clubes localizados em bairros vizinhos pois, enquanto “crianças da Rocinha” possuem uma espécie de passe para participar de atividades que, como elas dizem, “*são de graça!*”.

No contato com essas crianças, percebemos que, como destaca Zamora (1999), a violência vivenciada cotidianamente em função do narcotráfico e da polícia geram uma espécie de confinamento e retraimento da vida social na favela. Mas, por contarem com subsídios emocionais suficientes, apesar de muitas vezes circularem pela Rocinha com medo, olhando para os lados, as meninas também protagonizam notáveis investidas cotidianas rumo à superação dos traumas advindos da exposição à violência, no sentido da vivência criativa e do

desenvolvimento saudável - que insistem em correr em paralelos a algumas experiências de puro terror que a dinâmica das favelas cariocas proporciona.

Bakhtin (1992) destaca que o social é o principal motor da linguagem, argumento que, amplificado, nos leva a pensar nas vozes das meninas participantes da presente pesquisa como representantes, em algum nível, do ambiente onde vivem. Porém, neste momento é imprescindível enfatizar que este trabalho foi realizado a partir do contato com um pequeno grupo de crianças que, apesar de aleatoriamente selecionadas, não podem ser tomadas como regra nem induzir a uma **generalização** romântica sobre a infância na favela. Tentamos apontar que, quando de fato circulamos por um campo, **atentos a seus detalhes**, podemos encontrar uma ampla diversidade de elementos que compõem um quadro complexo, permitindo mudanças nas rígidas concepções previamente construídas e, principalmente, generalizantes sobre as crianças de camadas populares moradoras de favelas.

Com este trabalho esperamos poder levantar questões e ajudar a lançar novos olhares sobre uma população que, através da história, é negativamente estigmatizada e sobre uma infância para a qual uma infinidade de trabalhadores opera “utilizando óculos” que os permitem ver preponderantemente o que os seus preconceitos e os estigmas sociais versam sobre estas crianças. Da mesma forma, almejamos somar esforços àqueles que, nas Ciências Humanas, vêm lutando para legitimar diferentes e criativas possibilidades de experiência do trabalho de campo. Assim sendo, podemos tornar este espaço não só repetição da tradição - afinal de contas, como não nos deixa esquecer Winnicott (1975a), apoiamo-nos na tradição para conseguir originalidade, não havendo criatividade independente da tradição e da cultura - mas também laboratório de experimentações, retirando-nos das zonas de conforto metodológico e possibilitando-nos chegar a locais diferentes.